

OS RÓTICOS DO ESPANHOL EM POSIÇÃO DE CODA: UMA ANÁLISE DA REALIZAÇÃO DE FALANTES BRASILEIROS FUTUROS PROFESSORES

The spanish rhotic in coda position: an analysis of the future brazilian teachers realization

José Rodrigues de MESQUITA NETO (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pa dos Ferros, Brasil).

RESUMO: *Partimos da seguinte pergunta: de que maneira emerge o rótico em posição de coda no espanhol falado por alunos brasileiros em níveis avançados? Objetivamos analisar a interfonologia dos róticos envolvendo o português brasileiro e o espanhol no que diz respeito às codas realizadas por alunos futuros professores de espanhol. Temos por hipótese que esses discentes apresentam dificuldades na produção da coda devido à influência de sua língua materna, tendendo a realizarem um alongamento vocálico em coda final absoluta. Discutimos autores que trabalham com os conceitos de linguagem e interlíngua, assim como outros que lidam diretamente com a interfonologia dos róticos como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2004), bem como Brisolara e Semino (2014) que fazem um estudo comparativo entre os sistemas fônicos do espanhol e do português mostrando a influência de uma língua sobre a outra. Para a realização da pesquisa utilizaremos o método indutivo-dedutivo, corte transversal e teremos como corpus de análise a gravação de áudios de alunos do 7º período do curso de Letras com habilitação em língua espanhola.*

PALAVRAS-CHAVE: Vibrante simples; Fonética e fonologia; Discentes de espanhol

ABSTRACT: *This research is based on the following question: in what way does the rhotic emerge in coda position in Spanish spoken by Brazilian students at advanced levels? Thus, we aim to analyze the interphonology of the rhotics involving Brazilian Portuguese and Spanish about the codas produced by students who will be Spanish teachers. We hypothesize that these students present difficulties in the production of the coda due to the influence of their mother tongue, tending to lengthen the vowel in absolute final coda. We discuss authors who work with the concepts of language and interlanguage, as well as others that deal directly with the interphonology of rhotics, such as Silva (2007) and Carvalho (2004), as well as Brisolara and Semino (2014), who make a comparative study between the phonological systems of Spanish and Portuguese, showing the influence of one language over the other. To carry out the research, we will use the inductive-deductive method, cross-section and we have as corpus of analysis the audios recorded by students from the 7th term of the Letras Course, with qualification in Spanish language.*

KEYWORDS: Simple vibrant. Phonetics and phonology. Spanish students

1. Considerações iniciais

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a interfonologia dos róticos envolvendo o português brasileiro (doravante PB) e o espanhol no que diz respeito às codas realizadas por alunos futuros professores de espanhol. Adicionado a isso, nossos objetivos específicos são:

- a) estabelecer as características acústicas da realização dos róticos; e
- b) descrever as características da realização dos róticos em posição de coda na interfonologia do futuro professor de espanhol como língua estrangeira (doravante ELE).

O estudo dos aspectos fonético-acústicos dos róticos, tendo como foco a interfonologia entre o PB e o espanhol, dentro desse contexto fonotático, pode ser justificado por vários motivos. Inicialmente, fomos impulsionados pelo crescente estudo do espanhol no Brasil e a importância, cada vez maior, dada a uma pronúncia mais adequada e mais próxima à de um falante nativo, uma vez que, “quanto mais se aproxime seu sotaque ao modelo nativo, maior será o grau de aceitação social – e admiração – que ele terá” (FERNÁNDEZ, 2007, p. 98). E, quando se trata de futuros professores de uma língua estrangeira (doravante LE), a responsabilidade pela realização adequada de determinada palavra ou frase que ultrapasse o campo da inteligibilidade torna-se ainda maior, pois todo professor de línguas deve dar certa atenção à pronúncia.

Outro ponto que nos instigou a aprofundar nossos estudos no campo da interfonologia foi a preocupação com a pronúncia dos alunos que serão futuros professores desse idioma, pois estes se formam, muitas vezes, sem uma gramática fonológica próxima à de um falante nativo. Acreditamos e concordamos com Mesquita Neto (2018a) que quando o estudante aprofunda seu conhecimento dos sistemas fonológicos de sua língua materna (doravante LM) e da LE, melhor qualidade de realização do som da língua meta ele terá.

Assim, a presente investigação parte da seguinte pergunta: de que maneira emerge a vibrante em posição de coda no espanhol falado por alunos brasileiros em níveis avançados? Temos por hipótese básica que esses discentes apresentam influência da LM na produção da coda devido à interlíngua (doravante IL), tendendo a realizarem um alongamento vocálico em coda final absoluta.

Para a realização deste trabalho fizemos a gravação da leitura de frases com dez alunos do 7º período do curso de Letras com habilitação em língua espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *campus* Pau dos Ferros. As gravações foram analisadas acusticamente através do *software praat*¹ e auxiliadas pela impressão oitiva, permitindo um maior grau de autenticidade das realizações dos informantes.

Dividimos este artigo em três grandes partes, excetuando as considerações iniciais e finais. Na primeira, de cunho teórico, fazemos um percurso entre linguagem (ROMERO, 2008; FIORIN, 2013) adentrando na interlíngua (SILVA, 2007) e finalizando com os róticos dos sistemas analisados: português (CRISTÓFARO-SILVA, 2013) e espanhol (BRISOLARA; SEMINO, 2014). Na segunda parte, expomos a nossa metodologia descrevendo o *corpus* utilizado e os instrumentos para análise. Por fim, discutimos nossas análises e apresentamos nossos achados.

A seguir, iniciamos com a seção teórica intitulada: A linguagem humana e a influência entre línguas.

2. A linguagem humana e a influência entre línguas

Partindo da ideia que este trabalho trata da interfonologia e que “um sistema linguístico se reconhece através de sua gramática fonológica, mediante ao qual se faz audível, observável, descomposto” (ROMERO, 2008, p. 25), faz-se necessário, deste modo, conceituar alguns termos, tais como: linguagem, fonética, fonologia, interlíngua e outros relacionados.

A linguagem é a unidade de estudo da linguística e é responsável, entre outras coisas, pela comunicação existente entre os seres humanos. A linguística se ocupa do estudo das línguas para conseguir informações da linguagem em geral, ou seja, para poder teorizar (FIORIN, 2013). Assim, essa área de estudo se estrutura em subsistemas: fonológico, morfológico, sintático e lexicológico, sendo o primeiro o nosso campo de interesse.

Pode-se caracterizar a linguagem como sendo vocálica, ou seja, produz-se pelo aparelho fonador como uma faculdade humana; um fenômeno social, que é variável e mutável; sistemática; e que se relaciona e se torna dependente, além de ser multifuncional.

A linguagem não se presta somente para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para propiciar a interação social, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar e manter laços sociais, para falar da própria linguagem, para ser fonte e lugar de prazer, mas serve também para estabelecer uma identidade social. (FIORIN, 2013, p. 26).

¹ O *praat* é um *software* utilizado por muitos estudiosos da fonética que permite analisar e manipular arquivos de gravação de áudios.

A linguagem faz parte do ser humano, do que somos, do que queremos, ela nos identifica, principalmente se pensamos no aspecto fônico, em que cada indivíduo possui seu modo específico de falar, com suas características próprias. Dessa maneira, por mais que se fale de uma linguagem social também podemos/devemos falar de uma linguagem pessoal ou individual.

Nesse sentido, Martínez Celdrán (1994 apud JURADO; ARENAS, 2005, p. 15) resumem as características de *langue* e *parole* propostas por Sausurre. A língua é social, essencial, psíquica, sistemática e tem um valor puro, enquanto que a fala é individual, secundária, psicofísica, assistemática e material.

A linguagem está composta de fonemas e sons que nos levam ao estudo da fonética e da fonologia, pois o veículo da linguagem humana é a voz.

A fonética é antiga como a humanidade, pois, desde os primórdios, os seres humanos se organizaram em grupos, marcados pela religiosidade. Pajés e sacerdotes ofereciam sacrifícios e oblações à divindade, empregando fórmulas que era preciso pronunciar corretamente para que surtisses o efeito desejado. Havia um controle da emissão e articulação dos sons, assim como da entonação, intensidade e duração de cada enunciado. (MASIP, 2014, p. VI).

Não é diferente quando se trata da sala de aula e o ensino de um novo idioma, pois produzir corretamente um fonema, uma palavra ou um enunciado é um desafio para o discente, mas necessário para a boa comunicação entre o nativo e o não nativo (MESQUITA NETO, 2016).

Câmara Jr. (1998, p. 35) frisa que

[...] o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má produção dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas.

Um estudante de uma LE deve ter cuidado ao levar características fonético-fonológicas da sua LM ao falar a língua alvo estudada, pois pode causar problemas na comunicação, como a mudança de significado de palavras ou estranhamento de emoções – quando há alteração da entonação, por exemplo (MESQUITA NETO, 2018a). Essas transferências podem afetar diretamente a compreensibilidade ou a inteligibilidade. A compreensibilidade está relacionada diretamente com o falante enquanto que a inteligibilidade depende também do interlocutor.

Vários são os autores que trazem a IL como consequência da inter-relação entre os sistemas fonológicos das línguas estudadas. Silva (2007, p. 33) apresenta que “os

estudos sobre aquisição de segundas línguas mostram que a interferência ou transferência negativa foi alvo de discussão desde os anos setenta”. A autora ainda acrescenta que a ideia era que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes estavam relacionadas às diferenças existentes entre a LM e a LE, dessa forma, provocando uma transferência negativa.

Apesar do grande número de trabalhos escritos na área da comparação de línguas, este trabalho se destaca, visto que não são muitos os que o fazem detendo-se na oralidade. Destacamos que apesar dos autores preferirem usar o termo interferência ou até mesmo transferência, utilizaremos o termo influência, pois acreditamos que este esteja mais apropriado aos estudos interfonológicos, assim como traz Barboza (2008).

O termo Interlíngua (SELINKER, 1972) se usa não somente para fazer referência ao produto linguístico sistemático que aprendizes de línguas não nativas constroem em cada etapa do desenvolvimento do idioma estudado, mas também para se referir ao sistema que permite a observação das diferentes etapas de aprendizagem dos estudantes da língua alvo e ao sistema utilizado como meio de comunicação entre alunos e professores de uma determinada língua estrangeira.

A IL faz referência ao sistema linguístico do aprendiz de uma LE em cada uma das etapas existentes no processo de aquisição/aprendizagem de determinada língua. Ela se caracteriza como um sistema próprio de quem estuda uma LE, está em constante evolução, é autônoma, permeável, sistemática e transita pelo sistema linguístico da LM e da língua meta (SELINKER, 1972).

Com relação ao português e ao espanhol ressalta Benedetti (2002, p. 147 *apud* SILVA, 2007, p. 33) que:

Por serem o português e o espanhol línguas românicas de tronco comum, o latim, e que evoluíram de forma similar, tanto no geográfico quanto no histórico, apresentam uma gramática de conformação linguístico-estrutural muito próxima. Essa aproximação de sistemas gramaticais, ao contrário do que pode parecer e diferentemente do que ocorre se comparamos estes idiomas com outros do mesmo tronco (o francês e o italiano) ou originários de outras famílias de línguas, como o inglês, o alemão, o russo, ou, inclusive, o japonês, implica dificuldades do ponto de vista da aprendizagem.

Viana (1997, p. 45) complementa dizendo que “se existem algumas desvantagens vindas da proximidade entre as duas línguas (português e espanhol), não podemos deixar de considerar as vantagens dessa condição”. É importante mencionar que com o avanço do enfoque comunicativo, o objetivo, ao se aprender uma nova língua, não é falar como o nativo da LE, mas sim conseguir se comunicar na língua alvo.

No entanto, trabalhos como os de Mesquita Neto (2016) e o de Farias (2018) apontam para uma influência da gramática fonológica do PB ao realizar sons do

espanhol por falantes brasileiros devido à proximidade existente entre as línguas. Por esse motivo, quando se trata de futuros professores de espanhol, a tentativa de se aproximar o máximo possível da gramática fonológica da LE é imprescindível, assim como explicam Mesquita Neto e Barboza (2019, p. 53).

Quando se trata de professores de uma língua estrangeira a responsabilidade pela realização mais próxima ao falante nativo torna-se ainda maior. Todo professor de línguas é responsável por ensinar a gramática fonológica da língua estudada. Não se advoga, neste momento, que o profissional de ensino exija em sala de aula uma fala nativa ou próxima à nativa de seus alunos. Todavia, o professor de ELE deve ter consciência que seu sucesso profissional muitas vezes encontra-se correlacionado à capacidade de aproximar sua interlíngua o máximo possível do nativo.

Por fim, podemos resumir que a influência entre as línguas sempre estará presente seja de forma positiva ou negativa. O discente deverá levar em consideração a inteligibilidade enquanto que o futuro professor deverá se esforçar um pouco mais para que sua IL se distancie da gramática fonológica de sua LM e se aproxime da LE.

Abordaremos, na próxima seção, alguns conceitos relacionados à fonética e à fonologia.

2.1. Conceituando a ciência dos sons

A fonética e a fonologia são ciências que alguns linguistas pretenderam estudá-las como independentes e tratá-las de forma separadas. No entanto, ao longo dos anos, passaram a vê-las como ciências inseparáveis, visto que uma serve de apoio à outra, uma é o complemento da outra, pois ambas estudam o som desde perspectivas diferentes, tal como nos mostram Masip (2010) e Fernández (2007).

A fonologia tem como unidade de estudo o fonema que é “a menor unidade linguística, desprovida de significado, formada por traços distintivos” (QUILIS, 2010, p. 10), já a fonética tem o fone como unidade de estudo, pois analisa o som propriamente produzido, ou seja, o que escutamos. O fonema é abstrato, é o que pensamos, o fone é a realização do fonema. Com isso, podemos dizer que a fonética estuda o significante na fala, enquanto que a fonologia estuda o significante na língua.

Dessa forma, “a fonética descreve e sistematiza todos os elementos fônicos que o homem produz, enquanto que a fonologia estuda os padrões sonoros subjacentes em todas as línguas do mundo e as inumeráveis variantes fonéticas” (JURADO; ARENAS, 2005, p. 14).

Câmara Jr. (1998, p. 34) salienta a importância em conhecer a diferença existente entre letra, fonema e fone, em que “o fonema é um conceito de língua oral e não se confunde com a letra, na língua escrita”. Como sabemos, um mesmo fonema

pode representar grafemas diferentes, assim o fonema sempre virá representado entre barras /r/, diferenciando-se do grafema <r> ou do som propriamente dito, ou seja, o fone que deve aparecer entre colchetes [r]. Ainda sobre o fone, o autor nos leva para o conceito de alofone que também deverá ser representado entre colchetes. Segundo o pesquisador, os alofones também podem ser chamados de variantes, pois são responsáveis pelo que nós conhecemos como sotaque, ou seja, passam pelo plano do significante, mas não altera o significado.

Dessa maneira, a fonologia se refere ao estudo dos fonemas que estão no plano da língua. Os fonemas de uma língua são limitados e apresentam uma função simbólica. Na língua espanhola, existem dois sistemas fonológicos (BRISOLARA; SEMINO, 2014). O peninsular composto por 24 fonemas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /b/, /k/, /d/, /f/, /g/, /x/, /l/, /ʎ/, /tʃ/, /ɲ/, /j/, /r/, /r/, /m/, /n/, /p/, /s/, /t/, /θ/,) e o hispano-americano com 22, isto é, os mesmos presentes na gramática fonológica peninsular excetuando /θ/ e /ʎ/. Os róticos, que são os fonemas analisados na nossa pesquisa, estão presentes nos dois subsistemas sendo caracterizados como vibrante simples (/ˈarbol/) e múltipla (/ferokaˈril/).

De acordo com Fernández (2007) a fonética pode ser dividida em três grandes áreas: articulatória, acústica e auditiva. Desse modo, a fonética articulatória estuda a produção do som desde o ponto de vista fisiológico, a partir da ação dos órgãos articulatórios do ser humano. Descreve e analisa o funcionamento do aparelho produtor dos sons. A fonética acústica é a que estuda a onda sonora, ou seja, estuda o caminho desde a boca até chegar ao ouvido. Já a auditiva, também chamada de perceptiva, ocupa-se em verificar como as pessoas recebem (percebem, processam e interpretam) a mensagem.

Além das citadas por Fernández (2007), há a fonética instrumental que é o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos de laboratórios (CRISTÓFARO-SILVA, 2013). Romero (2008) ainda nos traz que a fonética também pode classificar-se em fonética contrastiva, que permite a comparação entre duas ou mais línguas.

Esse trabalho se centra, por um lado na fonética acústica, visto que se analisa a produção de alunos através de espectrogramas (ver imagens nas análises), nas quais podemos analisar as ondas sonoras e, por outro, na fonética contrastiva, pois tratamos da influência existente da LM na realização do rótico em posição de coda na LE.

Na seção a seguir, falaremos sobre os róticos, mostrando alguns dos estudos existentes a respeito da sua realização.

2.2. Os estudos acerca dos róticos

Embora os róticos² tenham um grande número de variação no português e serem fonemas em que normalmente aprendizes de ELE apresentam dificuldades, não há muitos trabalhos existentes dentro da interfonologia PB-espanhol que se refiram a eles, o que justifica o seu estudo.

Segundo o modo de articulação, na língua espanhola, os fonemas /r/ e /r/ são classificados como vibrantes pela semelhança de articulação. Silva (1996) explica que os róticos que são sons muito frequentes nas línguas e sua articulação, semelhante às laterais, faz com que a troca entre eles seja rotineira. Tanto as vibrantes quanto as laterais são denominadas, na literatura fonético-fonológica, como líquidas.

Os róticos do PB, muitas vezes, são denominados como sendo dois: o fraco e o forte. O primeiro faz referência à tepe /r/ enquanto que o segundo aborda diferentes realizações que podem acontecer em diferentes pontos de articulação. Com relação à realização e ao contexto fonotático desses fonemas, podemos perceber que:

O fonema /r/ em português costuma se pronunciar como tepe se estiver em posição intervocálica [...] e se segue uma consoante oclusiva ou fricativa que esteja na mesma sílaba. No entanto, o fonema /R/ pode ser pronunciado como fricativa velar, fricativa uvular, fricativa aspirada ou vibrante múltipla em posição intervocálica. (BRISOLARA; SEMINO, 2014, p. 62).

As modalidades articulatórias do <r> são dependentes do falar regional e do contexto linguístico. Os róticos do português brasileiro podem ter diversas realizações. Segundo o ponto de articulação, encontraremos os seguintes (ver quadro 1):

QUADRO 1: RÓTICOS DO PB SEGUNDO O PONTO DE ARTICULAÇÃO

Ponto de articulação	Realizações	Definição
Velar	[x, ɣ]	Sua produção se dá pelo dorso da língua contra o véu palatino.
Uvular	[χ, ʁ]	Produzidos pelo dorso da língua contra o véu palatino e a úvula.
Faringal	[ħ, ʕ]	Produzidos pela raiz da língua contra a parede posterior da faringe.
Glotal	[h, h̥]	Sons produzidos pelas cordas vocais.
Retroflexo	[ɻ]	Produzidos pela ponta da língua levantada e voltada para trás, de modo que a parte de baixo da língua fique voltada em direção ao palato duro. Também conhecido como o

² Segundo Ladefoged e Maddieson (1998), os róticos são aqueles sons representados ortograficamente pelo grafema <r> e podem ser produzidos por meio de diferentes modos de articulação, tais como trills, tepes, fricativas e aproximantes.

		<r> caipira.
Alveolar	[r]	Ponta ou a lâmina da língua contra a arcada alveolar.

Fonte: Criação nossa com base em dados de Souza e Santos, 2010, pp. 20-21.

Além dos pontos de articulações citados, no PB, é comum o desaparecimento do rótico em posição de coda absoluta, acontecendo então um alongamento vocálico. No entanto, no espanhol, segundo Masip (2005), só haverá duas realizações: vibrante simples [r] ou múltipla [r], ambos fonemas alveolares. Ainda que existam variações no espanhol, Brandão (2003) reforça a ideia de que, nesse idioma, os róticos são geralmente encontrados de maneira uniforme em todos os dialetos.

Brisolara e Semino (2014) afirmam que os róticos, no espanhol, opõem-se somente na posição intervocálica, saindo do plano do significante para o do significado. Já em posição pós-nuclear se neutralizam. Em posição inicial de palavra, apenas ocorre a vibrante múltipla.

Ainda sobre as vibrantes do espanhol, Carvalho (2004) informa que a vibrante simples não chega a ser considerada uma vibrante, mesmo recebendo tal nomenclatura, pois sua realização é apenas um breve toque do ápice da língua contra os alvéolos, descaracterizando a vibração, por isso muitos autores preferem chamá-la como tepe. Já sobre a vibrante múltipla, Brandão (2003, p. 122) descreve a sua realização como “o contato rápido e repetido entre a ponta da língua e os alvéolos, produzindo duas ou mais oclusões e impedindo momentaneamente a saída do ar”.

Dentre os trabalhos que foram realizados nos últimos anos, no Brasil, envolvendo os róticos, citamos como pesquisas relevantes a de Silva (2007) e Carvalho (2004), pois também abordam a produção de alunos futuros professores de ELE dentro de uma perspectiva comparativa.

Silva (2007) pesquisa sobre o fenômeno das vibrantes na interlíngua dos aprendizes cearenses de espanhol como língua estrangeira na produção oral. O trabalho foi realizado com um total de trinta alunos, com diferentes níveis de proficiência. O *corpus* foi formado por três testes de produção: palavras, sentenças e textos. Os testes foram coletados através de gravações. Esse trabalho, apesar de produtivo e importante, limitou-se a uma análise feita através da impressão oitiva.

A análise foi dividida em duas partes. A primeira, quando os fonemas vibrantes do espanhol se encontravam em variação livre e a segunda em distribuição complementar. A investigação foi testada com 18 variáveis: 1 dependente, 13 linguísticas e 4 sociais.

Os resultados mostraram que a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é maior que a múltipla, principalmente quando os contextos da LM coincidem com os da LE, no entanto, quando isso não acontece, observa-se que as dificuldades aumentam. Segundo a autora, “os problemas com o /r/ se fazem presentes porque do ponto de vista diatópico, ele não existe como fonema nem como variante no nosso

falar” (SILVA, 2007, p. 131). Assim, a autora constata marcas da interlíngua na produção oral das vibrantes por estudantes cearenses aprendizes de espanhol.

Já Carvalho (2004), apesar de sua pesquisa ter sido realizada anteriormente à de Silva (2007), apoia-se na fonética acústica para sua análise. Tem como objetivo estabelecer as características acústicas que definem as realizações fonéticas dos róticos, de maneira contrastiva, em diferentes contextos fônicos. Para isso, a autora, utiliza gravações de leitura de textos ou enunciados, em condições laboratoriais, para a constituição do *corpus*.

Seu *corpus* foi constituído por dois informantes brasileiros que traziam o “erre caipira”, pois a autora pretendia trabalhar também com essa variante, e quatro informantes de Bogotá (Colômbia), que foi a variedade adotada pela autora em sua pesquisa para o espanhol. Para a coleta dos dados realizaram gravações de leitura de textos ou enunciados, em condições laboratoriais.

A partir do contexto analisado, notou-se que em espanhol as consoantes investigadas se manifestam de forma mais homogênea: ou como um toque ápico-alveolar sonoro [r], ou como uma típica vibrante múltipla [r]. No entanto, em português, ao menos na variedade observada pela autora, não foi encontrada nenhuma realização que seja caracterizada como vibrante.

A nossa pesquisa se destaca e se diferencia das mencionadas, pois trabalhamos com alunos em apenas um nível de língua, além de serem falantes potiguarenses, ou seja, possuem um falar diferenciado dos analisados, podendo assim emergir novas realizações interlinguísticas.

A seguir mostraremos como foi realizada a pesquisa, assim como a descrição do *corpus* analisado.

3. Metodologia

Nesta seção, descreveremos nossos informantes (3.1), os contextos de produção e experimentos de que faremos uso em nossa análise (3.1), que consiste na comparação da realização dos róticos em posição de coda³ do PB e do ELE. Por último, faremos ainda a descrição das técnicas envolvidas (3.3).

3.1. Constituição da amostra

Esta pesquisa utilizou uma metodologia indutiva-dedutiva de corte transversal visando ao estudo da interfonologia dos róticos em posição de coda do PB e do espanhol como LE.

³ A consoante dentro da sílaba pode ocupar duas posições: onset, quando a inicia ou coda, quando a finaliza.

Dez informantes foram selecionados, visto que apenas doze estão devidamente matriculados e nivelados no semestre analisado (2016.2), além de ter sido o número de alunos interessados em participar da pesquisa. Tivemos como *corpus* de análise os áudios das gravações de alunos brasileiros futuros professores de espanhol do curso de Letras com habilitação em língua espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *campus* Pau dos Ferros. Com a finalidade de assegurar a qualidade dos registros e garantir a fidelidade dos dados a serem analisados acusticamente, realizamos a repetição das gravações duas vezes para que selecionássemos as melhores qualidades técnicas para a nossa análise de dados. Em alguns casos, quando necessário, fizemos uma terceira gravação.

Alguns critérios foram utilizados para a seleção dos alunos:

- I) Todos os informantes são alunos de espanhol devidamente matriculados no 7º período do curso, portanto discentes em nível avançado da língua, visto que o curso tem um total de 8 semestres.
- II) Nenhum dos informantes apresenta problemas de audição e/ou fala.
- III) Nunca residiram fora do Brasil ou utilizam a língua estrangeira analisada dentro de casa.

3.2. Análises dos dados

Focando responder a seguinte pergunta-problema: de que maneira emerge o rótico em posição de coda no espanhol falado por alunos brasileiros em níveis avançados? utilizamos os seguintes instrumentos de análise:

- I) Um questionário para verificar se os informantes se encaixavam em todos os quesitos necessários (formação, português como língua materna, etc.).
- II) Um experimento para coleta de dados: a gravação de frases em que os fonemas analisados apareceram em posição de coda, a saber: a) final de sílaba interna (carne, parte) e b) final absoluto (bailar, ayer).

Para a obtenção dos valores espectrais utilizamos o *software Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2007). Através desse programa pudemos extrair as informações necessárias sobre a realização dos sons produzidos pelos informantes.

3.3. Tratamentos dos dados

Optamos por um estudo de caráter quali-quantitativo. Partimos da ideia de que a pesquisa qualitativa “trata de descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto onde acontece a problemática estudada”, já a pesquisa quantitativa está relacionada com números, assim:

[...] seu objetivo é descrever ou explicar os seus achados, [...] se trabalha geralmente com mostras probabilísticas ou não

probabilísticas [...] cujos resultados têm a possibilidade de se generalizar à população em estudo. (ALVARENGA, 2014, pp. 9-10).

Inicialmente, com a gravação do sinal acústico foi possível obter os oscilogramas e os espectrogramas dos enunciados. Para a gravação, utilizamos uma sala de aula fechada⁴, onde cada informante foi gravado individualmente. Com esses dados, o primeiro procedimento para análise que fizemos foi a segmentação da onda sonora. Para a realização dessa análise, os áudios obtidos foram redirecionados para o *software Praat*. Após a segmentação, realizamos a análise desses segmentos e verificamos que sons emergem na IL do alunado.

Foram analisadas dez palavras por dez alunos, totalizando cem áudios. As frases veículo foram as seguintes:

- 1- Quiero comer pan con carne y jamón.
- 2- Todos los días hace mucho sol.
- 3- Señor Ramírez me dijo que bailar es muy fácil.
- 4- Hoy tengo que leer muchos textos.
- 5- El albañil llegó bastante tarde ayer.
- 6- Paco dejó una parte del dinero.
- 7- Comimos un pastel de chocolate riquísimo.
- 8- ¿La alfombra es verde? Este color es muy raro.

As palavras em destaque foram as utilizadas em nossa análise. Algumas frases sem a utilização do rótico em posição de coda foram inseridas para evitar suspeita sobre o que estaríamos analisando.

Temos consciência de que a leitura de frases influencia na realização dos fonemas, assim como não é uma mostra autêntica da língua, pois o aluno estará mais preocupado com a sua articulação do que propriamente com a mensagem lida. Assim, apoiamo-nos em Carvalho (2004, p. 16), que aborda que “para as finalidades de nosso trabalho, ela [leitura de textos] pode ser utilizada para representar o estilo formal da língua, possibilitando, ao mesmo tempo, a qualidade das gravações”.

Na seção a seguir trataremos de mostrar as análises e os resultados encontrados.

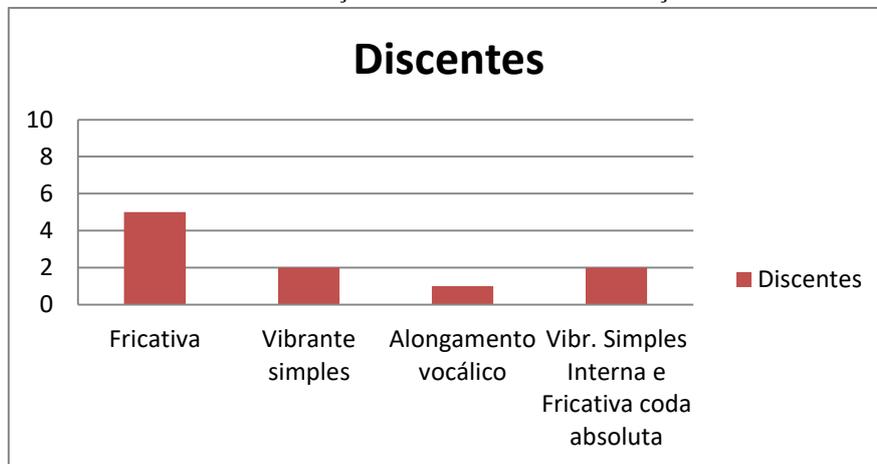
4. Análise e discussão dos resultados

Começamos este tópico mostrando o gráfico a seguir que expõe as realizações dos róticos em posição de coda feitas pelos alunos analisados. Do lado esquerdo mostramos o número de alunos que produziram determinado fone, abaixo aparecem as

⁴ Entendemos que o ideal seria realizar as gravações em uma sala com isolamento acústico, no entanto devido à ausência de um local assim na universidade e à dificuldade de reunir os alunos em horários específicos em um estúdio, isso não foi possível.

emergências encontradas: fricativa, vibrantes simples, alongamento vocálico⁵ e vibrante simples em coda interna, porém fricativa em posição de coda absoluta.

GRÁFICO 1: REALIZAÇÃO DO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA



Fonte: Elaboração nossa.

Podemos verificar que a maioria dos alunos analisados (50%) realizou uma fricativa no lugar da vibrante simples – diferentemente do que se espera de um estudante de espanhol em nível avançado, pois o espanhol possui duas realizações padrões para os róticos (vibrante simples e múltipla), ambas possíveis em posição de coda absoluta, sendo a simples forma padrão para coda interna. Mesquita Neto (2018b) observa que a vibrante simples é a variação mais robusta na realização do rótico por brasileiros em posição de coda.

Ainda sobre o gráfico acima, observamos, que apenas 20% dos discentes produziram o rótico de acordo com as regras da gramática fonológica do espanhol. Contrariando o esperado e refutando nossa hipótese inicial, apenas 10% dos alunos realizaram um alongamento vocálico. Por fim, 20% dos informantes realizaram a vibrante simples quando se tratou de coda interna, entretanto quando se tratava da coda em final absoluta passavam a fricatar tais fonemas.

Para mostrar essas realizações, utilizaremos os espectogramas e oscilogramas de algumas palavras que exemplificam as produções dos nossos informantes⁶.

Inicialmente, os informantes IV e X foram os únicos que realizaram os róticos em posição de coda, seja interna ou absoluta, como se espera (vibrante simples). Para Brisolara e Semino (2014), no espanhol, o <r> em posição final de sílaba pode ser neutralizado, pois, dependendo da força dada à articulação do falante, pode-se realizar como vibrante simples ou múltipla. Como não existe a vibrante múltipla no PB, pelo menos não na região analisada e nem para esse contexto fonotático analisado

⁵ O alongamento vocálico se dá pela duração mais alongada da vogal que antecede o rótico em posição final. Desse modo, apagando-o.

⁶ Chamaremos nossos sujeitos de informantes (I a X) para resguardar suas identidades.

(MESQUITA NETO, 2018b), há um esforço maior para que sua realização aconteça, justificando, assim, o uso apenas da vibrante simples pelos nossos sujeitos.

Na tabela 1 podemos ver as realizações dos alunos que se aproximaram da gramática fonológica de um falante nativo de espanhol, tal como indicam Álvarez e Rodríguez (2003) e Masip (2005).

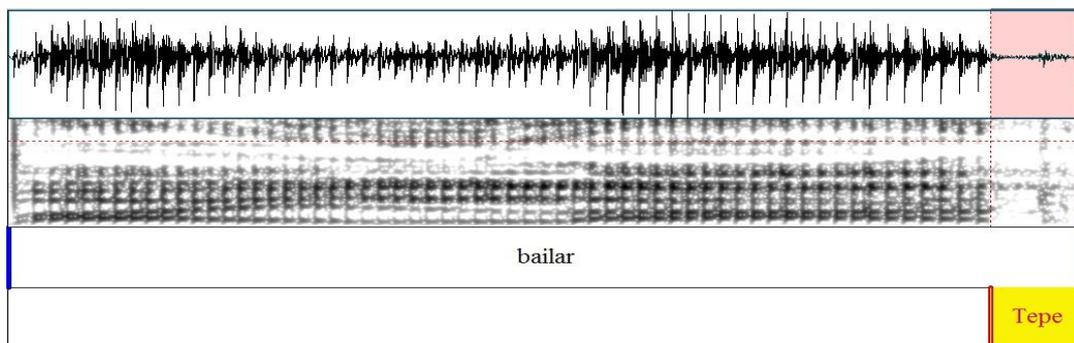
TABELA 1: REALIZAÇÃO COMO VIBRANTE

Palavras	Realizações	Palavras	Realizações
Comer	ko 'mer	Tarde	'tar ðe
Carne	'kar ne	Ayer	a 'dzer
Señor	se 'ɲor	Parte	'par te
Bailar	baj 'lar	Verde	'ber ðe
Leer	le 'er	Color	ko 'lor

Fonte: Criação nossa

Na análise acústica (figura 1) podemos ver que o informante realizou um tepe ao produzir a palavra *bailar*.

FIGURA 1: ESPECTOGROMA DA PALAVRA *BAILAR*



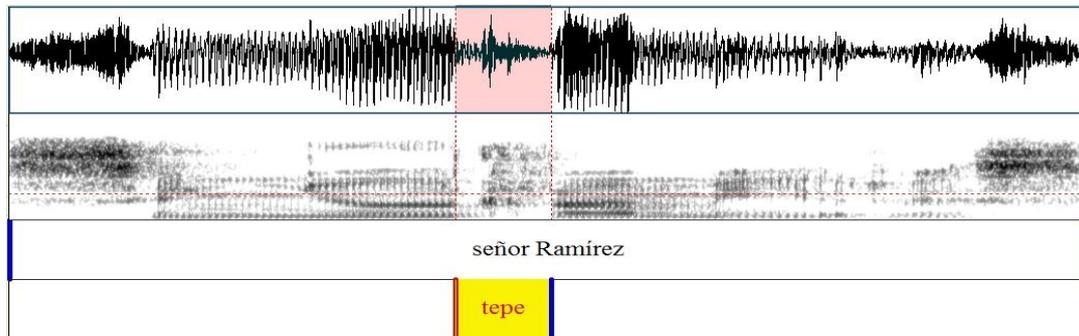
Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa Praat.

A parte em destaque é a realização do tepe. Podemos observar que existe uma oclusão rápida do fluxo de ar nas cavidades orais. Para Cristófar-Silva (2013, p. 160), “a perda de contraste fonêmico entre o R forte e r fraco é neutralizada no português em posição de final de sílaba”, como também acontece no espanhol, no entanto, as possíveis realizações do português diferem das do espanhol.

Ainda no que diz respeito à vibração do rótico encontramos, mesmo nos casos em que os informantes tendiam a fricativizar o fonema, como os informantes II e VII, uma juntura (sândi). Os discentes produzem o <r> final da palavra *señor* juntamente com a palavra seguinte, que também inicia com uma vibrante, porém, múltipla (Ramírez), ficando [se'ɲora'mires]. Diferente do esperado, em que o rótico deveria ser uma vibrante múltipla, os discentes o realizam como simples.

Observamos, na figura 2, essa junção das palavras mencionadas acima, cujo rótico deixa de aparecer em posição de coda e ocupa uma posição de onset, juntando-se com a vibrante inicial da palavra seguinte.

FIGURA 2: ESPECTOGROMA DAS PALAVRAS SEÑOR RAMÍREZ

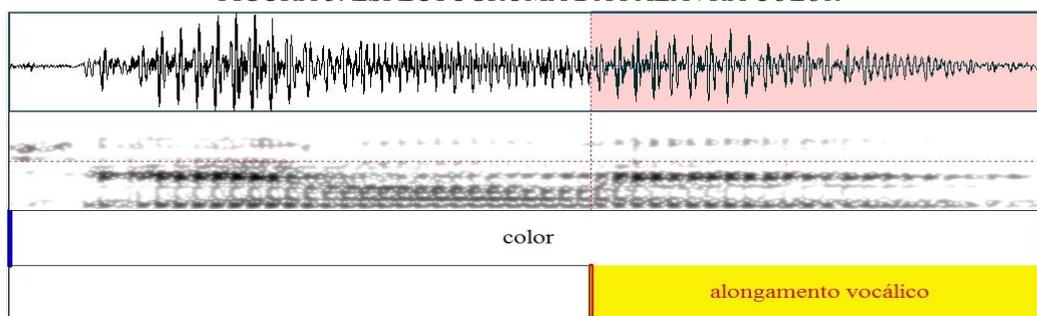


Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

Na parte em destaque do espectrograma (figura 2) notamos que não existe uma sequência de vibrantes, uma simples seguida de uma múltipla, tampouco várias oclusões. Com a junção dos sons o sujeito realiza apenas uma vibrante simples.

Nossa hipótese inicial era de que as codas em final absoluto desapareceriam e seriam substituídas por um alongamento vocálico assim como notamos na figura 3. O informante III realizou, em todos os casos de coda absoluta, essa regra pertencente à gramática fonológica da sua língua materna, no entanto, em sílabas internas, o mesmo sujeito as fricativava.

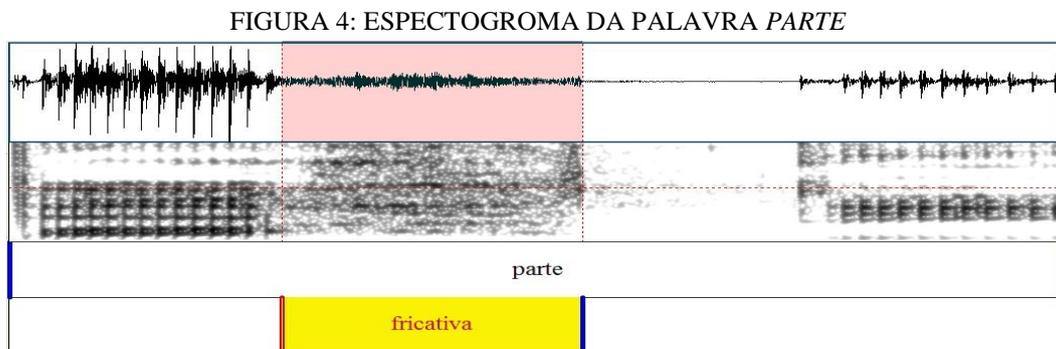
FIGURA 3: ESPECTOGROMA DA PALAVRA COLOR



Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

Podemos notar que houve um alongamento vocálico, pois, de acordo com Brisolara e Semino (2014, p. 50), “os estudantes brasileiros, ao aprender espanhol, costumam transferir a duração da vogal tônica de sua língua materna para a estrangeira”, levando isso também para a realização das codas, visto que a tendência do potiguar (região dos nossos informantes) é o cancelamento da coda em final absoluto, substituindo-a pelo alongamento vocálico como o informante aqui apontado realiza na palavra mencionada passando a realizá-la como [ko'lo:].

A figura 4 mostra a realização mais evidente por parte dos alunos. A maioria trocou a vibrante simples por uma fricativa surda. No espectrograma podemos constatar tal realização pela concentração de energia acústica que fica um pouco mais elevada.



Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa Praat.

Dessa maneira, a palavra foi produzida [‘pahte] ao invés de [‘parte], como era esperado. A tabela 2 mostra as realizações das palavras analisadas pelos informantes I, II, IV, VII e IX.

TABELA 2: REALIZAÇÃO COMO FRICATIVA

Palavras	Realizações	Palavras	Realizações
Comer	ko 'meh	Tarde	'tah ðe
Carne	'kah ne	Ayer	a 'dʒeh
Señor	se 'joh	Parte	‘pah te
Bailar	baj ‘lah	Verde	'beh ðe
Leer	le 'eh	Color	ko 'loh

Fonte: Criação nossa.

Salientamos que os informantes VI e VIII produziram coda final absoluta como fricativas, porém, as codas internas como vibrantes simples.

A seguir expomos as nossas considerações finais a respeito de nossa pesquisa.

5. Considerações finais

Inicialmente constatamos que diferentemente do que imaginávamos e trazíamos como hipótese básica os alunos não costumam, em sua maioria, realizar o alongamento vocálico e o cancelamento do rótico em posição final, de forma que apenas um dos dez informantes assim o fez, ou seja, tivemos nossa hipótese refutada.

Dessa forma, os resultados mostraram que:

- a) a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é menor que o uso das fricativas, visto que a maioria dos informantes, sete dos dez, realizaram a fricativa surda em posição de coda absoluta e cinco em coda interna; e

b) constatamos marcas da IL na produção oral das vibrantes por estudantes potiguaras aprendizes de espanhol.

Retomando nossos objetivos, acreditamos tê-los alcançado, pois analisamos a interfonologia dos róticos no que diz respeito às codas, estabelecendo e descrevendo as características das realizações dos informantes.

Acreditamos que o trabalho é relevante, pois tem como foco a oralidade, que é o principal meio de comunicação do aluno futuro professor. Além disso, quanto mais aprendemos sobre a gramática fonológica da LE e quanto mais entendemos a IL de nossos alunos, mais habilidade teremos para distanciar as gramáticas fonológicas da LM e LE.

Este trabalho é apenas uma pequena parcela do mundo fônico que pode ser explorado em futuras pesquisas, pois nos centramos apenas nos róticos em posição de coda. Vale salientar que já estamos realizando novos estudos nos quais exploraremos novos contextos fonotáticos (onset, encontros tautossilábicos, vibrante múltipla, entre outros) e outras variáveis (frequência de uso, experimentos, nível de proficiência, etc.).

Por fim, acreditamos que as conclusões foram pertinentes para uma melhor compreensão do detalhe fonético de falantes do PB e sua influência no percurso de construção da fonologia do ELE de alunos futuros professores no que se refere ao rótico em posição de coda.

Referências

ALVARENGA, E. M. 2014. *Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa*. Asunción: Diseños.

ÁLVAREZ, M.; RODRÍGUEZ, J. 2003. *Ejercicios de fonética: Niveles avanzados y superior*. Madrid: Anaya.

BARBOZA, C. L. 2008. *Descrição acústica dos sons vocálicos anteriores do inglês e do português realizados por professores de inglês língua estrangeira no oeste potiguar*. 2008. 183f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. 2007. *Praat: doing phonetics by computer*. Versão 4.6.21. [S.l.]. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 13 de maio de 2017.

BRANDÃO, L. R. 2003. *Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?: A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRISOLARA, L.; SEMINO, M. 2014. *¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos*. Campinas: Pontes Editores.

CÂMARA JR., J. M. 1998. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

CARVALHO, K. C. 2004. *Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol*. 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

CRISTÓFARO-SILVA, T. 2013. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto.

FARIAS, M. S. 2018. *La enseñanza de la pronunciación del español a estudiantes potiguarenses y cearenses: diagnóstico y propuesta didáctica*. 2018. 368f. Tese (Doctorado Español: investigación avanzada en lengua y literatura) – Facultad de Filología. Universidad de Salamanca.

FERNÁNDEZ, J. 2007. *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/libros.

FIORIN, J. L. 2013. A linguagem humana: do mito à ciência. In.: FIORIN, J. L. (org). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto.

JURADO, M.; ARENAS, M. 2005. *La fonética del español*. Buenos Aires: Quorum.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. 1998. *The sound of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers.

MASIP, V. 2005. *Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños*. Recife: Bagaço.

_____, V. 2010. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros.

_____, V. 2014. *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas*. Rio de Janeiro, E.P.U.

MESQUITA NETO, J.R. 2016. *Interlengua: un análisis de las interferencias sonoras en la enseñanza de E/LE de los/as estudiantes brasileños/as del curso de letras de UERN/CAMEAM*. f.157. 2016. Dissertação. (Maestría en Lingüística Española) – Universidad San Lorenzo, San Lorenzo.

_____, J. R. 2018a. *Interfonologia dos róticos na realização de professores de Espanhol como Língua Estrangeira: uma visão multirepresentacional*. 2018. 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Curso de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró.

_____, J. R. 2018b. A construção do rótico em posição de coda na interfonologia português brasileiro – espanhol como LE. *Letra Magna*, ano 14, n. 34.

MESQUITA NETO, J. R.; BARBOZA, C. L. F. 2019. O efeito da palavra na construção da interfonologia rótica PB-ELE. *Trama*, v.15, n. 34.

QUILIS, A. 2010. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros.

ROMERO, A. S. 2008. *Lingüística Aplicada*. Bogotá: UNAD.

SELINKER, L. 1972. Interlengua. In: LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor.

SILVA, A. H. P. 1996. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. 1996. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas.

SILVA, K. C. 2007. *Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes*. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOUZA, P.; SANTOS, R. 2010. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Introdução à Linguística – Vol. II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto.

VIANA, N. 1997. Planejamento de recursos de línguas – pressupostos e recursos. In: ALMEIDA FILHO, J. (org.) *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas: Pontes.